# Jobsituationship, Geração Z e o Futuro do Trabalho

Por

Cicero Duarte

# Jobsituationship, Geração Z e o Futuro do Trabalho

*Por Cicero Duarte, 2022*

## Prefácio

O mundo do trabalho sempre foi um espelho das sociedades humanas. No início, confundia-se com a sobrevivência: caçar, plantar, tecer. Depois, transformou-se em ofício, profissão, carreira, destino. Hoje, contudo, atravessamos um tempo em que o trabalho já não garante identidade nem continuidade. Ele se fragmenta em tarefas, contratos efêmeros, vínculos frágeis, relações instáveis.

A palavra *jobsituationship* surge, então, como metáfora perfeita: um "ficar" com o emprego, sem compromisso de longo prazo, com intensidade passageira e ausência de raiz. O trabalho líquido de nosso tempo já não promete futuro; oferece apenas presentes sucessivos.

A Geração Z é protagonista dessa experiência. Nativa digital, cresceu entre crises econômicas, climáticas e políticas. Não espera fidelidade do mercado; exige, em vez disso, propósito, coerência, saúde mental. Ao mesmo tempo em que recusa prisões corporativas, carrega o fardo da instabilidade e da ansiedade.

Este livro é fruto de uma investigação filosófica e crítica, que integra psicologia, sociologia, filosofia e educação. Não se limita a descrever fenômenos; busca interpretar sentidos. O *jobsituationship* não é apenas um novo modelo de trabalho, mas um espelho de nossa condição humana no século XXI: múltipla, líquida, paradoxal.

O trabalho, desde a aurora da civilização, sempre foi um lugar de sentido e sofrimento, um espaço de identidade e de servidão. Hoje, atravessamos uma mutação silenciosa: o emprego já não é mais o destino seguro, nem a carreira um fio contínuo a ser seguido. O *jobsituationship* emerge como metáfora de nosso tempo: relações laborais que se assemelham aos vínculos afetivos líquidos — intensos, provisórios e, muitas vezes, descompromissados.

A Geração Z é protagonista dessa transformação. Ela não teme a transitoriedade; antes, a incorpora como estilo de vida. Mas, ao mesmo tempo, traz à tona a angústia de um mundo que já não oferece chão sólido. Este livro é uma reflexão filosófica e sociológica sobre o que significa trabalhar em tempos líquidos, precários e digitais — e sobre como este cenário redefine não apenas o futuro do mercado, mas a própria condição humana.

# Introdução

O trabalho, outrora chão firme da vida adulta, tornou-se território de incerteza. Durante séculos, a carreira foi compreendida como caminho linear: um ingresso formal, uma ascensão gradual, uma aposentadoria previsível. Essa narrativa, porém, ruiu diante da globalização, da aceleração tecnológica, da automação e das plataformas digitais.

Vivemos uma era em que a economia de tarefas — a *gig economy* — substitui a estabilidade por flexibilidade, e o pertencimento por improviso. Nesse cenário, o *jobsituationship* não é apenas precariedade; é também estratégia de sobrevivência e, paradoxalmente, de liberdade. Ele permite experimentar, migrar, adaptar-se. Mas também expõe o trabalhador a um contínuo estado de transitoriedade, que fragiliza identidades e compromete a saúde emocional.

A Geração Z encarna essa ambivalência. Mais do que renda, busca propósito. Mais do que status, deseja equilíbrio. Rejeita hierarquias rígidas, mas teme o vazio de vínculos frágeis. Oscila entre o desejo de autonomia e a necessidade de segurança. Nela, vemos o retrato de uma Humanidade em transição, que já não encontra sentido na rigidez industrial, mas ainda não construiu as bases sólidas de uma economia ética e inclusiva.

Este livro propõe, portanto, uma reflexão filosófica e educacional sobre esse novo tempo. Percorreremos, capítulo a capítulo, as tensões entre liberdade e precariedade, autonomia e exploração, fluidez e dignidade. Investigaremos não apenas o mercado de trabalho, mas a própria alma humana diante da incerteza.

Mais do que respostas, o que oferecemos são caminhos de interpretação, provocações e possibilidades. Pois pensar o futuro do trabalho é, em última instância, pensar o futuro de nós mesmos.

# Capítulo 1 – A Nova Condição do Trabalho

O trabalho industrial, linear e repetitivo, organizado em carreiras estáveis, está em dissolução. A lógica da fábrica cede espaço à lógica da plataforma. O que antes era previsível agora se torna contingente. O *jobsituationship* expressa esse estado: um “ficar” com o emprego, sem projeto de longo prazo, sem contrato vitalício, mas também sem raízes.

O sujeito contemporâneo já não é empregado, mas contratado por tarefa, “empreendedor de si mesmo”, transformado em microempresa de um único funcionário. Essa condição amplia a liberdade aparente, mas também multiplica as ansiedades: o amanhã nunca é certo, o próximo trabalho nunca é garantido.

Assim, vivemos uma transição ontológica: o trabalho deixou de ser fundamento existencial para se tornar acontecimento efêmero.

## Capítulo 2 – Geração Z: A Juventude da Incerteza

A Geração Z nasceu em meio a crises: financeira, climática, sanitária, política. Seu olhar sobre o trabalho reflete essa história. Não espera fidelidade do mercado; sabe que contratos são frágeis. Por isso, busca algo que não seja apenas salário: procura propósito, identidade, coerência entre valores pessoais e organizacionais.

Mas a mesma geração que exige sentido também cultiva uma inquietação constante: trocam-se empregos como quem troca de experiências. Trabalhar não é mais destino, mas itinerário. O problema, contudo, é que essa liberdade cobra um preço: instabilidade emocional, ansiedade crônica e sobrecarga de reinvenções.

A juventude de hoje encarna o paradoxo da contemporaneidade: deseja autonomia, mas sofre com a precariedade; busca bem-estar, mas convive com a insegurança de um mercado em mutação.

## Capítulo 3 – O Trabalho como Situationship

O *jobsituationship* é o espelho das relações humanas da era líquida. Assim como nos afetos, no trabalho reina a lógica do “ficar”: experimenta-se, mas não se assume compromisso. O vínculo é provisório, intenso por um instante, descartável no dia seguinte.

Essa lógica carrega uma ambivalência. De um lado, liberta o trabalhador de amarras opressoras. De outro, fragiliza seu sentido de pertencimento, minando a construção de identidades sólidas.

O *ficar* no trabalho é sintoma de uma cultura que teme a prisão do compromisso, mas também denuncia uma sociedade que já não consegue garantir dignidade a longo prazo.

## Capítulo 4 – Economia Gig e a Fragmentação da Carreira

A economia gig é a arena desse novo paradigma. Uber, iFood, Upwork, Rappi — plataformas que transformaram vidas em fluxos de tarefas algorítmicas.

Benefícios existem: flexibilidade, inclusão de grupos antes excluídos (mulheres em contextos de restrição social, jovens de periferias, imigrantes sem documentos)

Mas há também os riscos: invisibilidade legal, falta de direitos, discriminação algorítmica e um “ethics dumping” que exporta precariedade para países mais vulneráveis.

A carreira torna-se mosaico: portfólio de experiências, não trajetória linear. O trabalhador é artista de sua própria sobrevivência. Mas será essa fragmentação um sinal de evolução ou um retrocesso disfarçado de liberdade?

## Capítulo 5 – Psicologia do Trabalhador Contemporâneo

O preço subjetivo do *jobsituationship* é alto. A ansiedade tornou-se o mal crônico da Geração Z. A cada gig, o medo do vazio: “E se não houver outro amanhã?”.

Jung nos lembra que o Self precisa de um eixo, mas o trabalhador líquido gira em torno de múltiplos centros, sem raízes. Krishnamurti denunciaria a armadilha: vivemos na prisão do tempo psicológico, correndo atrás do próximo contrato, nunca presentes no agora.

A identidade dilui-se: ora sou motorista de aplicativo, ora designer freelancer, ora professor online. Multiplicidade pode ser riqueza, mas também pode ser fragmentação. O sujeito torna-se caleidoscópio de funções, mas perde o espelho de sua unidade.

## Capítulo 6 – Filosofia do Vínculo e da Liberdade

Arendt diferenciava trabalho, obra e ação. O que resta do trabalho na era digital? Talvez apenas a dimensão de sobrevivência, despida de ação transformadora e de obra duradoura.

Bauman nos ajuda a compreender: vivemos a modernidade líquida, e o trabalho é apenas mais um território de dissolução. Byung-Chul Han vai além: na sociedade do cansaço, o sujeito não é explorado de fora, mas se autoexplora, vendendo-se como “marca pessoal”.

A liberdade prometida pela gig economy é paradoxal: quanto mais livre, mais sozinho; quanto mais autônomo, mais sobrecarregado.

## Capítulo 7 – Educação e Requalificação Contínua

Se o trabalho é líquido, a educação deve ser igualmente fluida. O diploma já não basta; é preciso reinventar-se a cada ciclo, acumular microcertificações, reciclar-se como se fosse software em constante atualização.

Mas a educação não pode reduzir-se à utilidade imediata. O que se perde quando a formação é apenas instrumental? O risco é criar gerações técnicas, mas não críticas; treinadas, mas não conscientes.

O desafio educacional é ensinar não só “como trabalhar”, mas “como viver num mundo onde o trabalho já não é sólido”.

## Capítulo 8 – O Futuro do Trabalho: Entre a Utopia e a Distopia

Dois horizontes se abrem.

- **Utopia:** redes colaborativas, economia solidária, plataformas éticas, trabalho como expressão de sentido.
- **Distopia:** precariedade massificada, automação total, algoritmos como patrões invisíveis, seres humanos reduzidos a dados descartáveis.

O futuro dependerá de escolhas coletivas: políticas públicas, modelos educacionais, ética das tecnologias. O contrato social precisa ser reinventado para proteger trabalhadores que já não cabem nas categorias do século XX.

## Capítulo 9 – Jobsituationship como Espelho da Humanidade

O *jobsituationship* não é apenas fenômeno laboral; é espelho da condição humana contemporânea. Somos seres que querem intensidade sem compromisso, liberdade sem responsabilidade, flexibilidade sem raiz.

Mas talvez esse seja o ensaio de um novo paradigma: um trabalho que não aprisiona, mas liberta; que não aliena, mas expressa. A questão é se teremos coragem de reinventar as estruturas de modo que a fluidez não se torne precariedade, mas sim potência.

A Geração Z, em sua aparente fragilidade, talvez seja a semente de uma nova ética: trabalhar para viver, e não viver para trabalhar.

## Epílogo

O futuro do trabalho não será apenas emprego; será linguagem, expressão, espiritualidade. A Geração Z talvez esteja nos ensinando que o trabalho só faz sentido se puder ser vivido como caminho de autenticidade.

O desafio não é apenas sobreviver no mercado, mas transcender o mercado, recriando a vida como obra.

O que acontece quando o emprego deixa de ser porto seguro e passa a ser apenas um vínculo passageiro?
O *jobsituationship* traduz o espírito de nosso tempo: relações laborais fluidas, intensas, porém frágeis, que se assemelham aos vínculos afetivos da modernidade líquida.

Nesta obra, a Geração Z é apresentada como protagonista de uma transformação silenciosa, marcada pela recusa a compromissos rígidos e pela busca de propósito, bem-estar e autenticidade. Ao mesmo tempo, enfrenta a

precariedade de vínculos instáveis, a pressão da economia digital e a ansiedade de uma vida profissional fragmentada em múltiplos papéis.

Mais do que um estudo sobre mercado de trabalho, este livro é uma investigação filosófica e educacional acerca da condição humana no século XXI. Explora os paradoxos da liberdade e da insegurança, da autonomia e da exploração, da fluidez e da dignidade.

Com linguagem ensaística e reflexiva, o texto convida o leitor a repensar o sentido do trabalho em tempos líquidos e a imaginar futuros possíveis: entre a distopia da precarização total e a utopia de um labor como expressão de sentido e criação de comunidade.

Este é um livro para estudantes, educadores, profissionais, gestores e todos aqueles que desejam compreender como o presente anuncia os contornos do futuro. Ao falar de *jobsituationship*, fala-se de nós mesmos — de nossas escolhas, nossos medos e de nossa busca por liberdade em um mundo em constante mutação.

## Sobre o Autor

**Cicero Duarte** é psicólogo, teólogo, capelão. Educador e escritor, dedica-se a investigar as transformações sociais, culturais e espirituais da contemporaneidade. Sua obra articula filosofia, psicologia e espiritualidade com um olhar crítico sobre o ser humano e suas relações com o trabalho, a educação e a consciência.

Em *Jobsituationship, Geração Z e o Futuro do Trabalho*, oferece uma reflexão ensaística sobre os paradoxos do mundo laboral e a busca de sentido em tempos líquidos.

## Referência Bibliográfica

(Seleção das fontes que fundamentam os capítulos, incluindo o artigo-base do anexo, autores filosóficos, sociológicos e psicológicos já integrados ao banco de dados.)


- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2015.
- JOSHI, Amit; JAIN, Saharsh; GUPTA, Puneet Kumar. Challenges and impact of the gig economy. *Sustainable Economies*, v. 2, n. 2, p. 96, 2024. DOI: https://doi.org/10.62617/se.v2i2.96
- JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2008.

- KRISHNAMURTI, Jiddu. *A eliminação do tempo psicológico*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- WILBER, Ken. *Uma teoria de tudo: uma visão integral para os negócios, a política, a ciência e a espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 2007.


# Glossário

**Algoritmo** – Conjunto de instruções matemáticas que, nas plataformas digitais, direciona tarefas, regula fluxos de trabalho e influencia remunerações. No contexto da gig economy, torna-se o "patrão invisível", mediando as relações entre trabalhadores e clientes.

**Autonomia** – Capacidade do sujeito de gerir sua própria vida e trabalho. No *jobsituationship*, apresenta-se de forma paradoxal: liberdade de escolha coexistindo com precariedade estrutural.

**Carreira líquida** – Expressão inspirada em Zygmunt Bauman, designa trajetórias profissionais não lineares, marcadas por experiências fragmentadas, múltiplos vínculos temporários e ausência de estabilidade.

**Economia de plataforma** – Modelo econômico baseado em aplicativos e ambientes digitais que conectam prestadores de serviços a consumidores. É a base da gig economy, exemplificada por empresas como Uber, iFood e Upwork.

**Flexibilidade** – Valor central do trabalho contemporâneo, associado à possibilidade de escolher horários, locais e tipos de atividade. Embora aparente liberdade, pode esconder sobrecarga e insegurança.

**Geração Z** – Cohorte demográfica nascida, em geral, entre 1995 e 2010. É a primeira geração plenamente nativa digital, caracterizada por fluidez nas relações, busca de propósito, valorização da saúde mental e recusa a estruturas hierárquicas rígidas.

**Gig economy** – Economia de "bicos" ou tarefas, caracterizada por trabalhos temporários, sob demanda, mediados por plataformas digitais. Promove oportunidades de renda, mas fragiliza direitos trabalhistas e segurança financeira

**Jobsituationship** – Termo que une *job* (trabalho) e *situationship* (relação sem compromisso). Refere-se a vínculos laborais fluidos, provisórios e descompromissados, comparáveis aos relacionamentos afetivos líquidos da contemporaneidade.

**Liberdade** – No contexto da obra, refere-se tanto à emancipação buscada pelos trabalhadores quanto à ilusão de autonomia promovida pelo sistema. É um conceito ambíguo, que pode expressar emancipação ou ocultar formas sutis de exploração.

**Modernidade líquida** – Conceito de Zygmunt Bauman que descreve a condição social contemporânea, marcada pela fluidez, pela instabilidade das instituições e pela fragilidade dos vínculos humanos. Aplica-se às relações de trabalho e à lógica do *jobsituationship*.

**Precariedade** – Condição de vulnerabilidade laboral resultante da ausência de direitos, instabilidade contratual, insegurança financeira e dependência de plataformas digitais.

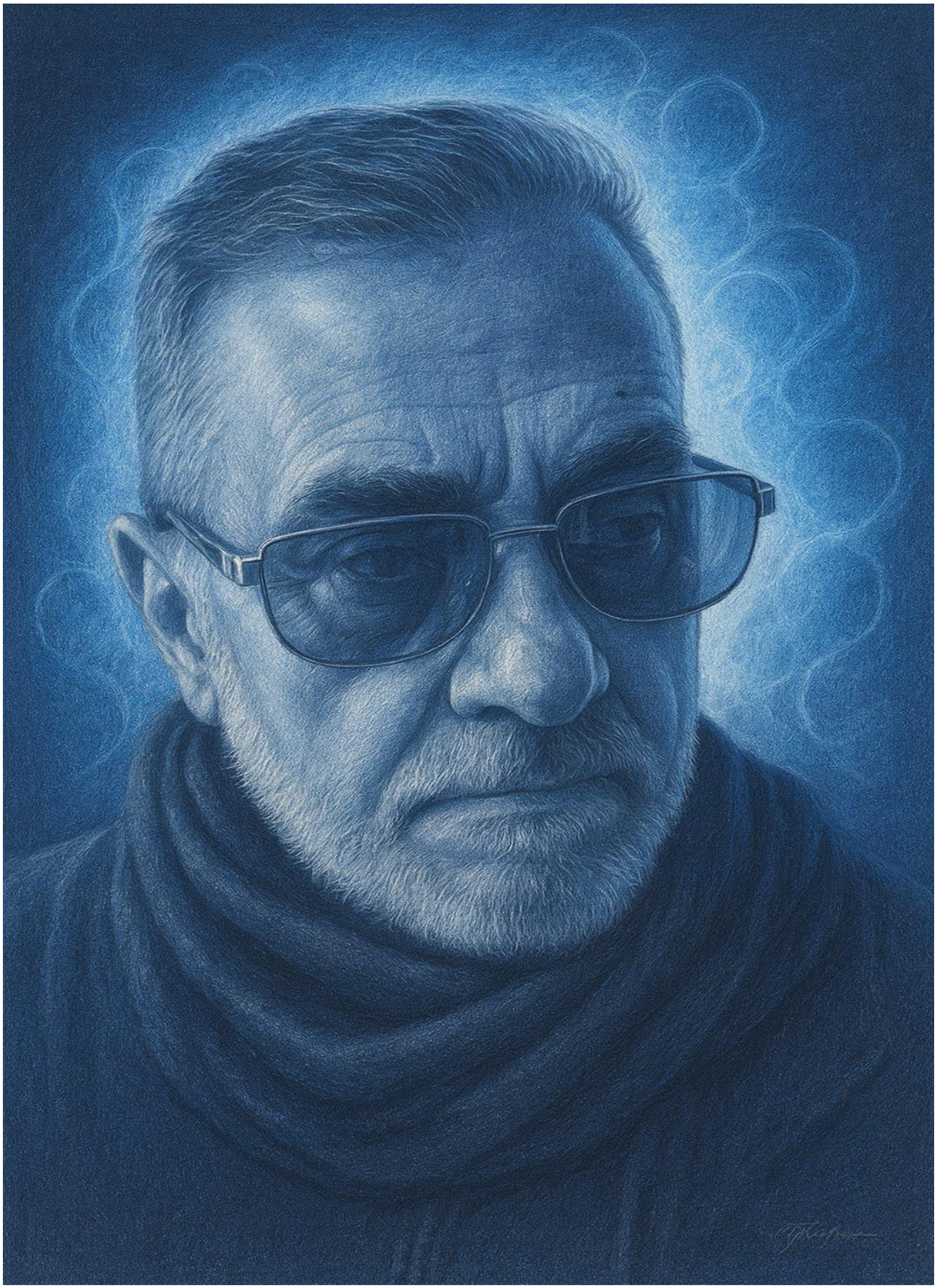
**Propósito** – Valor existencial buscado pela Geração Z em suas experiências de trabalho. Mais que remuneração, refere-se ao alinhamento entre vida pessoal, ética e missão profissional.

**Self** – Conceito de Carl Gustav Jung que designa a totalidade da psique. No contexto laboral, remete ao risco de fragmentação identitária diante da multiplicidade de papéis assumidos em trabalhos fragmentados.

**Sociedade do cansaço** – Conceito de Byung-Chul Han que descreve a condição de autoexploração típica do capitalismo neoliberal, em que o sujeito não é apenas explorado externamente, mas se cobra, se vigia e se exaure.

**Trabalho líquido** – Forma de labor caracterizada pela falta de permanência, pela fragmentação em múltiplas experiências e pela ausência de compromisso duradouro. É a materialização do *jobsituationship*.

**Cicero Duarte**



O que acontece quando o emprego deixa de ser porto seguro e passa a ser apenas um vínculo passageiro?

O *jobsituationship* traduz o espírito de nosso tempo: relações laborais fluídas, intensas, porém frágeis, que se assemelham aos vínculos afetívos da modernidadé líquida.

Nesta obra, a Geração Z ê apresentada como protagonista de uma transformação silenciosa, marcada pela recusa a compromissos rígiddos e pela buscà de proposito, bem-estar e autenticidade. Ao mesmo tempo, enfrenta a precariedadé de vínculos instaveis, a pressao da economia digital e a ansiedade de uma vida profissíonal fragmentada em múltiplos papeis.

Com linguagem ensaística e reflexiva, o texto convida o leitor a repensar o sentido do trabalho em tempos líquidos e a ímaginar futuros possíveis: entre a distopia da precarização total e à utopia de um labor comó expressão de sentido e criação de comunidade.

Este é um livro para estudantes, educadores, profissionais, gestores e todos aqueles que desejam compreender como o presente anunncia os contornos do futuro. Ao falar de *jabsituatonship*, fala-se de nos mesmos — de nossaś escolhas, nossos medos e de nossa busca por liberdade em um mundo ém constante mutação.

9 180048 347834